

RESOLUÇÃO DE CORREFERÊNCIA PRONOMINAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Maria Cristina Micelli Fonseca (UFC)¹
Erlândio Guerreiro (UFC)²

RESUMO:

Esse trabalho investiga a resolução de anáfora intrassentencial ambígua no Português Brasileiro (PB) por falantes do PB como L1. Carminati (2002) estudando o italiano, uma língua pro-drop, investigou se os pronomes nulos e plenos têm funções diferentes na língua. A autora postula que essas duas formas anafóricas são diferentes e estão sujeitas a restrições de processamento distintas. O presente trabalho objetivou verificar se isso também acontece no PB, por ser também uma língua que admite pronomes plenos e nulos. Carminati (2002) tem como hipótese que esses diferem com respeito à escolha do antecedente em construções intrassentenciais. Os dados deste trabalho foram coletados em um grupo de 31 adultos brasileiros que moram em Fortaleza, CE. O experimento utilizou uma Tarefa de Produção Escrita, com um total de 24 itens experimentais. Resultados preliminares apontam que o PB apoia a estratégia da posição do antecedente (PAS), apresentando basicamente as mesmas restrições de processamento que o italiano.

PALAVRAS-CHAVE: anáfora; processamento, correferênciação.

INTRODUÇÃO

Duarte (1996) mostra que o Português do Brasil vem preenchendo cada vez mais a posição de sujeito com o pronome pleno onde há referência definida. A autora ressalta que esse preenchimento vem acontecendo principalmente na primeira e segunda pessoas. Segundo ela, ‘a 3^a. pessoa...é a única que não parece ser significativamente afetada...’(DUARTE, 1996, p.115). Em seu trabalho, bastante mencionado em muitos estudos linguísticos de linhas teóricas diferentes, Duarte oferece como explicação para o fato de o sujeito nulo na terceira pessoa não ter sofrido o mesmo nível de desaparecimento que sofreram a primeira e segunda pessoas, os resultados dos estudos de Calabrese (1986). Estes indicam haver uma complementariedade entre o pronome pleno e o nulo.

1. Maria Cristina Micelli Fonseca: Doutora | Professora Adjunta (DLE)
mcrisfon@uol.com.br | Cel. 85.99633734

2. Erlândio Guerreiro: Graduando (Letras Inglês)
erlândio18@hotmail.com
DLE da Universidade Federal do Ceará

Este artigo relata e discute resultados preliminares de um teste experimental que retoma a questão do sujeito nulo e pleno a fim de investigar qual a preferência do falante do português do Brasil no que se refere à correferência pronominal intrassentencial, no que tange à resolução de anáforas e catáforas pronominais ambíguas.

A motivação da retomada desta investigação está nos trabalhos de Carminati (2002) e Sorace e Filiace (2006) que relatamos abaixo.

1. O ESCOPO DESTA ARTIGO

Existem várias pesquisas que tentam explicar como ocorre a correferência dos pronomes e seus referentes nas línguas. Neste trabalho assumimos a proposta de Carminati (2002) sobre a atribuição de antecedente nas anáforas intrassentenciais. A pesquisa da autora sugere que no primeiro estágio da atribuição de referência, o processador tem acesso à representação sintática da sentença e faz a atribuição baseado nessa informação primeiramente. Se a estrutura sintática falha, o segundo estágio seria checar extra-sentencialmente o discurso/pragmática para resolver a questão anafórica.

A proposta de Carminati para o italiano baseia-se em partes da Teoria de Acessibilidade³ (ARIEL, 1994) e na Teoria da Centralidade (GROSZ et al., 1995)⁴ no ponto em que as duas teorias se assemelham: a retenção de referentes em posição mais proeminente. Carminati (2002:14) estabelece, no entanto, que o pronome nulo retém um referente mais proeminente do que o pronome pleno⁵. A Teoria da Centralidade acrescenta que a proeminência é computada através da posição sintática, dentro de uma hierarquia de proeminência sintática, i.e. Sujeito > Objeto > Objeto Indireto > Outros.

A proposta de Carminati (2002) sobre a preferência de antecedentes dos pronomes do italiano em anáforas intrassentenciais segue a Teoria da Centralidade, embora ela tenha sido formulada originalmente para correferência extra-linguística e para o inglês, uma língua não *pro-drop*.

No que tange a literatura sobre a ordem de menção de referentes, adotamos com Carminati (2002) a visão defendida por Reinhart (1981, apud CARMINATI, 2002, p. 19) que na ausência de contexto ou de entoação marcada, o sujeito pré-verbal de uma sentença, ou seja, de um referente introduzido na posição de Spec IP, é interpretado como o tópico da sentença. Carminati salienta que adota que o pronome nulo prefere o antecedente na posição de sujeito, referindo-se ao tópico da sentença. Da mesma forma, em relação ao pronome pleno, a posição de complemento remete ao antecedente que não é tópico.

Assim com Carminati (2002, p.4), assumimos

como hipótese de processamento um processador na forma de um aparato serial, que constrói online a representação estrutural do input, atendendo uma hipótese de cada vez, com a possibilidade de revisar e rejeitar uma hipótese inicial no caso de encontrar contraevidência (FRAZIER, 1978). Dessa forma, por exemplo, ao encontrar um pronome nulo, o processador assume como antecedente o SN em posição de Spec de IP. Havendo necessidade de rever tal hipótese, haverá custo de processamento, o que implicará em maior tempo de leitura.

3. Para ler mais sobre a Teoria da Acessibilidade, ver tamb' em Ariel (1995; 2001).

4. Para ler mais sobre a Teoria da Centralidade, ver Grosz, Joshi e Weinstein (1995).

5. A Teoria da Centralidade, na sua primeira versão, trabalhou com o inglês não fazendo referência ao pronome nulo.

Nas três seções que se seguem apresentamos a literatura a respeito e o arcabouço teórico em que se encaixa a pesquisa; em seguida a metodologia da pesquisa e a apresentação dos dados; e, finalizamos com discussão, conclusão e considerações finais.

2. A ANÁFORA

O termo anáfora vem do grego e significa literalmente carregar para trás. A anáfora é um fenômeno discursivo-textual que cumpre o papel de retomar um elemento já mencionado no texto ou discurso.

Moura (2000:67) coloca que dentro da semântica dinâmica, a anáfora faz parte dos mecanismos que propiciam aos falantes manter o controle sobre o que já foi enunciado em um dado discurso.

(1) O Jorge veio lá em casa ontem. Ele parecia cansado.

Para interpretar (1) acima é necessário fazer a ligação anafórica entre o pronome ‘ele’ e Jorge. A resolução da relação anafórica se dá através do estabelecimento de correferência entre uma expressão anafórica (um pronome, por exemplo), termo anafórico e seu antecedente, nesse caso Jorge.

Othero (2003 apud HAAG e OTHERO, 2003) classifica o fenômeno da anáfora em seis grandes tipos: anáfora lexical ou nominal, anáfora pronominal, anáfora verbal, anáfora adverbial, anáfora pronominal e anáfora elíptica. Neste trabalho nos concentraremos no estudo da resolução de anáforas pronominais.

2.1. O sistema pronominal no PB

O português do Brasil apresenta no seu sistema pronomes plenos e nulos, sendo que a flexão do verbo deve concordar em número e pessoa com o sujeito.

	1ª. pessoa	2ª. pessoa	3ª. pessoa
Singular	Eu	Tu***, Você*	Ele/ela
Plural	Nós, a gente*	Vocês**	Eles/Elas
*usa-se com o verbo na 3ª. P. do singular; ** usa-se com o verbo na 3ª. Pessoa do pl.; ***usa-se com o verbo na 3ª. P. sing. em muitas regiões do país.			

Chamamos de pronome nulo (PN), quando ele não é foneticamente realizado (\emptyset), mas refere-se a um termo já mencionado no discurso. Nesses casos, o verbo traz na flexão as marcas de pessoa, indicando a quem o seu sujeito se refere. No exemplo (2) abaixo, vemos que a flexão –ou e –ai dos verbos telefonar e ir se referem a 3ª. Pessoa do singular, apresentada na sentença anterior – Maria.

(2) Maria_i não chegou ainda. \emptyset _i Telefonou que \emptyset _i vai se atrasar.

Dentro dos estudos da gramática gerativa, muito se discutiu sobre as línguas que possuem um *pronoun-drop*, chamadas línguas *pro-drop*, como o italiano, o espanhol e o português.

Neste trabalho, encaramos o pronome pleno e o nulo na 3ª. pessoa como parte do sistema de pronomes da língua, se a língua tem duas formas de pronomes, é provável que eles tenham funções diferentes e especializadas que se materializam na forma como os falantes usam esses pronomes na língua. Essa proposta vem da visão de Saussure de relações paradigmáticas, ou seja, a relação de um elemento linguístico é dependente das suas relações com outros elementos do sistema.

Chomsky (1981) propõe o Princípio Evitar Pronome para dar conta da distribuição complementar de formas plenas e nulas. Duarte (1995:21) mostra que o PB ‘está perdendo a opção pelo sujeito nulo na primeira e segunda pessoas’, apesar de continuarmos a usufruir dessa opção para representar a terceira pessoa. Duarte considera que a perda da riqueza funcional do paradigma significa que o PB tem cada vez menos sujeitos nulos referenciais licenciados por Agr. Ainda segundo Duarte (1995), a primeira e a segunda pessoas são evidência disso. Quanto à terceira, afirma Duarte (1995:21)

pode-se presumir que, não sendo mais inteiramente realizada em Agr, a identificação do sujeito esteja ancorada na sua coindexação com um SN numa posição acessível, seja no contexto discursivo, seja em estruturas subordinadas com objetos correferentes.

O pronome nulo de línguas *pro-drop* foi muito estudado na década de 80, em especial no italiano, quando os gramáticos que trabalhavam com a Gramática Gerativa pesquisavam o Parâmetro do Sujeito Nulo da Gramática Universal. A marcação positiva desse parâmetro licenciaria sujeitos nulos em uma língua⁷.

O Princípio da Projeção Extendida (EPP) (CHOMSKY, 1982) afirma que todas as línguas têm sujeito. Nas línguas *pro-drop*, o sujeito pode ser omitido porque se recupera o conteúdo do sujeito através da flexão do verbo (RIZZI, 1982).

A investigação de mais línguas levou a uma reelaboração do parâmetro do sujeito nulo, pela identificação de outras possibilidades relativas à como o sujeito nulo se manifesta em diversas línguas. Roberts e Holmberg (2010, p.9-25) identificam a existência de quatro tipos de línguas de sujeito nulo, a saber:

Língua de sujeito nulo consistente – exemplo: italiano.

Língua de sujeito nulo expletivo – exemplo: vários crioulos, como o jamaicano.

Língua *pro-drop* discursiva - exemplo: chinês.

Língua de sujeito nulo parcial – exemplo: português do Brasil.

Para Holmberg (apud Roberts e Holmberg, 2010, p.18-21), uma das principais características que difere as línguas parcialmente de sujeito nulo das consistentemente de sujeito nulo, como o italiano, são o fato que apenas a primeira e segunda pessoas podem aparecer livremente em qualquer contexto, ao passo que a terceira pessoa pode ser nulo em condições que ainda não são bem conhecidas.

2.2. A anáfora pronominal

O exemplo (1) é o tipo mais comum de anáfora encontrado. Ela ocorre quando um pronome pessoal retoma um Sintagma Nominal (SN) já mencionado, como no exemplo (1) acima, o pronome *ele* retoma *O Jorge*, tornando assim os termos correferentes. Fávero (2006) explica que as palavras *eles*

6. Usaremos o símbolo \emptyset para designar pronome nulo.

7. Para ler sobre Princípios e Parâmetros e línguas *pro-drop*, ver Rizzi, 1982, Chomsky, 1981, entre outros.

e *elas* são vazias de significado, indicando apenas que a informação deve ser buscada em outro lugar. A única informação que se sabe é que deve referir-se a um substantivo ou feminino ou masculino, singular ou plural (ele(s) ou ela(s)).

No caso do inglês, Matthews and Chodorov (1988 apud CARMINATI, 2002, p. 21) investigaram a anáfora intrassentencial em inglês e observaram que há uma preferência de relacionar o pronome com o SN em posição de sujeito.

Contudo, línguas que admitem sujeito nulo, ou pronome nulo (*pro-drop*) podem fazer uso deste recurso também. O pronome nulo também pode retomar o SN mencionado:

(3) O Jorge veio lá casa ontem. Ø⁸ Parecia cansado.

Sabemos pela flexão do verbo parecer (parec-ia) que a flexão-ia refere-se a 3ª pessoa do singular do Imperfeito do Indicativo, sendo assim, embora o pronome não seja foneticamente realizado, estruturalmente ele está retomando o SN O Jorge, ou qualquer entidade extradiscursiva masculina singular.

À luz do modelo gerativista, o Princípio B da Teoria de Ligação prevê que a correferência entre os pronomes nulo e pleno e seus antecedentes deve ser possível porque o pronome está livre, ou seja, não possui um antecedente c-comandado na mesma oração.

2.3. A resolução do processamento anafórico

A relação de identificação dos antecedentes de um processo anafórico nem sempre é simples como a do exemplo (2) e (3). Algumas sentenças podem colocar dificuldades ao processador, como no exemplo abaixo.

(4) Maria conversava com Ana enquanto ela cozinhava.

(5) Maria conversava com Ana enquanto Ø cozinhava.

A quem devemos associar o pronome ela, a Maria ou a Ana? Como se dá o processamento da anáfora em (4)? A quem se refere o ela? E no caso do pronome nulo, Ø, como em (5), como acontece o processamento dessa anáfora? A sentença é ambígua. Será que há uma regra de processamento para cada tipo de pronome (pleno e nulo)? Como os falantes da língua resolvem as questões de ambiguidade no uso diário da língua?

Como já mencionamos acima, a pesquisa de Carminati (2002) objetivou investigar qual o papel dos dois grupos de pronomes no italiano no processamento anafórico. Para tanto, a autora realizou diversos experimentos a fim de delinear como se dá o processamento do PP e do PN em posição de sujeito no italiano.

Partindo da premissa que o processador, para resolver a correferência entre pronome e referente,

8. Usaremos o símbolo Ø para designar pronome nulo.

irá apoiar-se na representação estrutural da sentença, a autora propôs uma teoria de atribuição do pronome antecedente, pleiteando que pronomes plenos e nulos têm funções distintas e complementares na língua, manifestadas na propensão que esses pronomes têm de buscar antecedentes em posições sintáticas diferentes.

Seus dados apontaram que os pronomes nulos tendem a ter como antecedentes Sintagmas Nominais (SNs) em posição de Spec IP (sujeito)⁹, ao passo que os pronomes plenos preferem antecedentes em posições mais baixas na estrutura da frase, geralmente complemento do verbo. Esta preferência ficou conhecida como PAS - Position of Antecedent Strategy¹⁰.

Vale ressaltar neste momento Carminati não é a pioneira nos estudos de correferência pronominal, especificamente entre o Pronome Pleno e Nulo. Costa ET al. (1998) investigam correferência pronominal (NP e PP) nas orações coordenadas do Português Europeu (PE).

A novidade da pesquisadora italiana reside no fato de ser a primeira a ter formulado uma hipótese específica para esse fenômeno e defender que os PN e PP são preferencialmente interpretados como correferentes com antecedentes em Spec Ipu, independentemente de serem sujeitos canônicos ou não canônicos.

2.4. O experimento de Carminati com anáfora pronominal ambígua

Para testar a correferência intrassentencial do italiano, ou seja, onde os pronomes buscam a sua referência dentro de um período composto por subordinação, a autora utilizou uma oração principal seguida de uma subordinada temporal. A oração principal tem dois nomes próprios do mesmo gênero, que são os referentes em potencial do pronome que aparece na oração subordinada. A oração subordinada subsequente contém ou pronome pleno ou nulo na posição de sujeito (6).

(6) *Marta* *escrevava frequentemente a Pieir_a* quando \emptyset_1 /*leis* *era Neli Tati Unit.*

Marta escrevia frequentemente a Pieira, quando \emptyset_1 /ela estava nos Estados Unidos.

Neste estudo do italiano, experimento 2 da sua tese, Carminati (2002) investigou apenas anáforas. O experimento continha 18 itens com duas condições experimentais: um período composto com uma oração principal contendo os referentes, seguida de uma oração subordinada contendo ou um pronome nulo ou pleno, conforme quadrado latino da figura 1. Cada sujeito viu apenas uma condição de cada item. As condições experimentais para cada conjunto de itens foi contrabalanceada. Havia 4 grupos de sentenças distratoras¹¹.

9. Carminati (2002, p. 36) advoga que o PN prefere um antecedente na posição Spec IP, não distinguindo entre sujeitos canônicos e não-canônicos.

10. Estratégia da Posição do Antecedente.

11. O número de distratoras não é informado na tese de Carminati (2002).

		Variável 1	Variável 2
		Pronome Nulo	Pronome Pleno
Condição 1	Oração Principal + Oração subordinada	9 orações	9 orações

Figura 1

Após as instruções, 44 informantes, adultos, falantes do italiano como L1 responderam um questionário off-line contendo uma sentença contexto e uma pergunta cuja resposta deveria apontar a preferência, conforme exemplo da Figura 2. Além disso, pediu-se que avaliassem o nível de segurança que tinham da resposta dada, indicando em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa estou muito inseguro e 5 muito seguro.

Condição 1 – Pronome Nulo
Marta scrivera frequentemente a Piera quando \emptyset era negli Stati Uniti. Marta scriveva frequentemente a Piera quando \emptyset estava nos Estados Unidos.
Condição 2 – Pronome Pleno
Marta scrivera frequentemente a Piera quando lei era negli Stati Uniti. Marta scriveva frequentemente a Piera quando \emptyset estava nos Estados Unidos.
Respostas a ser Escolhidas
Quando Marta era negli Stati Uniti? B. Quando Piera era negli Stati Uniti? Quando Marta estava nos EU? Quando Piera estava nos EU?

Figura 2

As respostas na figura 3 abaixo mostram que os falantes do italiano preferem o PN, como antecedente do SN em posição de sujeito, e o PP, como antecedente do SN na posição de objeto. A estratégia escolhida pelos falantes nativos corrobora a hipótese de Carminati (2002) que fatores estruturais, tais como a posição sintática do antecedente do pronome, são importantes para guiar o processador na resolução de anáforas intrasentenciais no italiano.

	Sujeito como Antecedente		Objeto como Antecedente	
	Preferência	Nível de confiança	Preferência	Nível de confiança
Condição 1 – Pronome Nulo	80,72%	3,74	19,28%	3,40
Condição 2 – Pronome Pleno	16,67%	3,89	83,33%	3,56

Figura 3

2.5. Resolução de anáfora e catáfora pronominal

Sorace e Filiace (2006) replicaram o experimento 2 de Carminati (2002) com anáforas, acrescentando à investigação sobre o funcionamento do PAS a resolução de catáforas ambíguas também com pronomes nulos e plenos, sentença (7). Nesse trabalho, as autoras investigam falantes de italiano como L1¹² e L2 através de uma tarefa de verificação de figura offline.

(7) La mamma_i dà un bacio ala figlia_k mentre lei_k//ø_i si mette il cappotto.
A mãe dá um beijo na filha enquanto ela/ø veste o casaco.

(8) Mentre lei_k/ø_i si mette il cappotto, la mamma_i dà un bacio alla figlia_k.
Enquanto ela/ø colocava o casaco, a mãe dava um beijo na filha.

Os estudos sobre catáforas intrassentenciais, quando a oração subordinada antecede a oração principal, e os pronomes aparecerem antes da menção dos referentes, indicam que tal posição estrutural costuma colocar maior demanda no processador, uma vez que o pronome precede linearmente os referentes em potencial.

Kazanina (2007) explica que ‘a busca do antecedente pelo *parser* fica restrita às posições sintaticamente legítimas, que não violam o princípio C. O *parser* avalia cada SN como potencial antecedente, à medida que os encontra na sentença’. Van Gompel e Liversedge (2003: apud SORACE e FILIACE, 2006, p. 349) afirmam que ‘no inglês existe uma expectativa de resolver a catáfora no referente presente na posição de sujeito.

Sorace e Filiace (2006) ainda explicam que nas catáforas com pronomes plenos, o processamento é custoso quando ambos os referentes na oração principal ocupam posições sintaticamente lícitas para receber o antecedente por apresentarem um conflito ao processador. Pois, se por um lado, o *parser* tem a tendência estrutural de completar a referência na posição sujeito da oração principal; por outro lado, a estratégia do PAS tende a informar o processador para evitar co-referenciar o antecedente sujeito com um pronome pleno.

Os dados foram coletados usando uma Tarefa de Verificação de Figura, off-line, onde o informante deveria escolher a figura que melhor ilustrava a sentença fornecida acima da figura, sendo a imagem 1 para a correferência do pronome com o sujeito, 2 com o complemento e 3 com outra pessoa externa à sentença (figura 4).



Figura 4 (retirado de Sorace e Filiace, 2006, p.366)

12. No artigo de 2006, o objetivo maior de Sorace e Filiace é discutir o papel do PAS em italiano como L2. Os dados do italiano como L1 apresentados por elas, referem-se à investigação junto ao grupo controle.

O teste continha 20 itens experimentais de cada tipo, metade com anáforas e a outra metade com catáforas, conforme mostra o quadrado latino na figura 5. A ordem da apresentação dos itens experimentais foi randomizada para cada participante.

		Variável 1	Variável 2
		Pronome Nulo	Pronome Pleno
Condição 1	Anáfora	10 itens experimentais	10 itens experimentais
Condição 2	Catáfora	10 itens experimentais	10 itens experimentais

Figura 5

Os resultados da investigação de Sorace e Filiace (2006), apresentados no gráfico 1, mostram que na anáfora há uma pequena preferência de coindexar o pronome nulo com o sujeito, e o pronome pleno com o complemento. Na catáfora, quando o sujeito da oração subordinada é um pronome nulo, os nativos do italiano vão indexá-lo com o SN em posição de sujeito, já em relação ao pronome pleno, interpretam-no como sendo referente a um antecedente extra-linguístico, ou seja, não mencionado na oração principal.

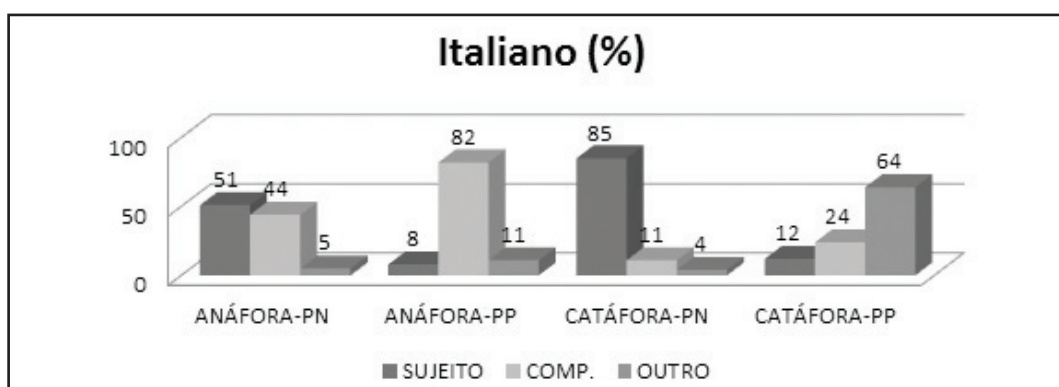


Gráfico 1

Os trabalhos de Carminati (2002) e Sorace e Filiace (2006) sugerem haver uma diferença de trabalho entre os pronomes plenos e nulos na correferência intrassentencial do italiano, corroborando a força da PAS no italiano.

Outras línguas *pro-drop* também foram investigadas, como o espanhol¹³ e o catalão, e os resultados apontaram que estas línguas também apresentam o mesmo padrão de preferência no que tange a anáfora: o PN tem como referente o SN em posição de Spec de IP e o PP tem como antecedente um SN em posição de complemento do verbo.

13. Para saber mais sobre o espanhol e o catalão, ler ALONSO-OVALLE et al. (2002) para o espanhol e BEL et al. (2010) para o catalão.

3. A INVESTIGAÇÃO COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO

O estudo que descrevemos abaixo faz parte de uma pesquisa maior que investiga a resolução de anáforas e catáforas pronominais no PB como língua materna (L1) e língua estrangeira (L2). Este recorte tem como objetivo verificar como se dá a correferência intrassentencial do português do Brasil, uma língua pro-drop, assim como o italiano.

A pesquisa de Carminati abrangeu 14 experimentos diferentes. Nossa pesquisa em andamento replicou apenas o experimento número 2: a resolução de anáforas intrassentenciais ambíguas. O levantamento apresentado aqui faz parte do estudo feito com o corpus do grupo controle do estudo com L2.

Nossa pesquisa enfocou as construções subordinadas ambíguas, do tipo uma oração principal e uma subordinada e o contrário, uma oração subordinada seguida pela principal, como as sentenças (9) e (10). Essa escolha está em consonância com a hipótese de que o processador, ao procurar antecedentes para os pronomes, baseia-se primeiramente na estrutura da sentença até encontrar o correferente. Neste teste não havia nenhuma pista oferecida nem pelo contexto nem pela gramática, obrigando o processador a usar a estrutura linguística.

(9) Maria conversava com Ana enquanto ela/ø cozinhava.

(10) Enquanto ela/ø cozinhava, Maria conversava com Ana.

Assim como adverte Carminati (2002), os trabalhos de Bever e Townsend (1979) e Garnham et al. (1998) também sugerem que é mais fácil compreender uma sentença tipo oração principal-oração subordinada, do que o contrário, subordinada-principal. O motivo sugerido é que a forma superficial da oração subordinada inicial tem de ser retida na memória até que a oração principal seja processada, exigindo um esforço maior da memória de trabalho.

De acordo com Carminati (2002, p. 37), a manipulação de pronomes na oração subordinada nas duas posições poderá ser um melhor paradigma experimental, ou seja, a autora sugere que a resolução de pronomes deve ser observada tanto em condições subordinada-subordinante como subordinante-subordinada, sendo que na última a informação estrutural está mais disponível para testar o PAS¹⁴. Consequentemente, pode ser observado como ocorre a atribuição de referente aos pronomes nulos e plenos.

3.1. O experimento com o PB

Retomamos aqui a afirmação de Duarte (1996), com a qual abrimos este artigo, de que a mudança em operação no PB, no que tange o preenchimento da posição de sujeito com o pronome pleno, acontece muito mais fortemente para a 1ª. e 2ª. pessoas do discurso. No caso da 3ª. pessoa, o preenchimento do pronome nulo tem sido mais brando, sempre ultrapassando os 50%¹⁵. Assim, julgamos pertinente estudar se esses pronomes têm funções distintas e complementares no PB, assim como têm no italiano,

14. Contribuição do parecerista.

15. Duarte (1995) coloca, que no seu corpus, a ocorrência de sujeitos nulos em 1ª. pessoa é de 18% em 3ª. pessoa 55% na modalidade escrita.

como informa Carminati (2002). Se positivo, o estudo do comportamento desses poderia ajudar a esclarecer o fato dos pronomes de 3^a. pessoa não terem sofrido modificações no seu preenchimento¹⁶. Sendo assim, este estudo preliminar tem como objetivo estudar como se dá o processamento dos pronomes nulos e plenos de terceira pessoa, em anáforas e catáforas intrassentenciais ambíguas. Nossas hipóteses são:

- 1) Nas anáforas, o pronome nulo terá como correferente o SN em posição de Spec de IP, sujeito da oração principal, ao passo que o pronome pleno terá como referência o SN em posição de complemento do verbo da oração principal.
- 2) Nas catáforas, o pronome nulo terá como correferente o SN em posição de Spec de IP, sujeito da oração principal, ao passo que o pronome pleno terá como referente o SN em posição de complemento do verbo da oração principal.
- 3) O PB obedece o PAS, tanto na anáfora quanto na catáfora.

Em consonância com nossas hipóteses, o processamento correferencial se dará segundo os índices apresentados abaixo nas sentenças (11) e (12).

- (11) A Telmai conversava com a Julia_j, enquanto \emptyset_i /ela_j cozinhava.
- (12) Quando \emptyset_i /ela_j caminhava pela rua, a Malui cumprimentou a Sônia_j.

O objetivo desse experimento é capturar as preferências dos falantes do PB em relação à correferenciação dos pronomes nulos e plenos em terceira pessoa intrassentencialmente em caso de anáforas ambíguas. O design off-line se deve a sua característica preliminar na investigação do comportamento do PB como uma língua parcialmente de sujeito nulo¹⁷, a fim de justificar uma pesquisa mais aprofundada como L1 e os seus efeitos como L2.

3.2. Método

Participantes

Um grupo de 31 de falantes nativos do português do Brasil com idade entre 18 e 30 anos, estudantes universitários, moradores de Fortaleza, que aprenderam uma língua estrangeira, na sua maioria inglês, apenas no Ensino Médio e Fundamental após os 11 anos de idade.

Material

Os dados foram colhidos através de um teste experimental¹⁸ que consistia em um Teste de Produção Escrita. O objetivo deste experimento era testar se o PAS se aplica ao PB. Em outras palavras, a utilização de anáforas e catáforas intrassentenciais ambíguas tinha como objetivo observar como se

16. Neste trabalho não estamos levando em conta os estudos com o português europeu. Para uma análise comparativa entre o PE e o PB, ver Duarte e Kato (2005).

17. Já existem trabalhos no português europeu como L2 investigando a questão da aquisição do PN ou uma reparametrização – ver Madeira, A., Xavier, M. F., Crispim, M.L. (2009) A Aquisição de sujeitos nulos no português como L2. As mesmas autoras acima investigaram a aquisição do infinitivo flexionado como PE L2, vem em Interpretação Semântica e/ou pragmático-discursiva de sujeitos na aquisição do português como L2.

18. Gostaríamos de agradecer ao Laboratório de Aquisição da Linguagem da Universidade de Ottawa por nos ter cedido os testes em espanhol para que fossem usados no Brasil após serem traduzidos para o PB pela pesquisadora. Esta pesquisa como todo está sendo realizado conjuntamente com a Universidade de Ottawa.

dá o processamento da referência entre pronomes nulos e plenos e os SNs nas posições de Spec de IP e complemento do verbo.

O teste era composto por 24 itens experimentais com duas condições e duas variáveis independentes, conforme Figura 6 abaixo. Doze sentenças consistiam de uma Oração Principal seguida por uma Subordinada – anáfora - e as outras doze iniciavam-se pela Oração Subordinada e eram seguida pela Principal - catáfora. A Oração Principal incluía um sujeito animado SN, um verbo e um complemento animado SN. A Oração Subordinada incluía ou um pronome nulo ou pleno em posição de sujeito. O sujeito e o complemento da Oração Principal consistiam de nomes próprios do mesmo gênero e número. Desta forma, o pronome da oração subordinada poderia ser correferente tanto do sujeito quanto do complemento, dando origem à ambiguidade.

		Variável 1	Variável 2
Condição 1 Anáfora	Oração Principal + Oração Subordinada	Pronome Nulo 6 sentenças	Pronome Pleno 6 sentenças
Condição 2 Catáfora	Oração Subordinada + Oração Principal	Pronome Nulo 6 sentenças	Pronome Pleno 6 sentenças

Figura 6

As duas condições experimentais para cada item do experimento foram contrabalanceadas e randomizadas, formando dois conjuntos de sentenças diferentes, um teste A e outro B, que garantia que cada informante visse apenas uma condição experimental de cada item.

Aos testes A e B foram acrescentadas 27 sentenças distratoras num total de 51 sentenças por tarefa.

A cada sentença seguiu-se uma pergunta sobre quem executava a ação da segunda oração, cuja resposta deveria ser escrita pelo sujeito no caderno com o experimento, conforme ilustra a Figura 7.

*A Emilia acenou para a Teresa quando ela abriu a porta.
Quem abriu a porta?*

*Enquanto estava sentada nas escadas, a Lorena falava com a Claudia.
Quem estava sentada nas escadas?*

Figura 7

Procedimento

Este experimento utilizou um questionário off-line impresso em um livreto. Foram distribuídos aleatoriamente os testes A e B aos informantes.

O livreto continha instruções que foram lidas e acompanhadas pelo professor que monitorou o teste. Após as instruções, havia duas questões, uma resolvida como exemplo e outra que os sujeitos

deveriam responder e checar com o professor para dirimir dúvidas do funcionamento do teste. Era lhes salientado que deveriam preencher com a resposta que lhes parecesse mais natural.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os questionários foram primeiramente tabulados manualmente e os dados crus foram digitados em uma tabela do Microsoft Excell para execução de uma tabela de contingência. Em seguida foram computadas a porcentagem de respostas para cada condição.

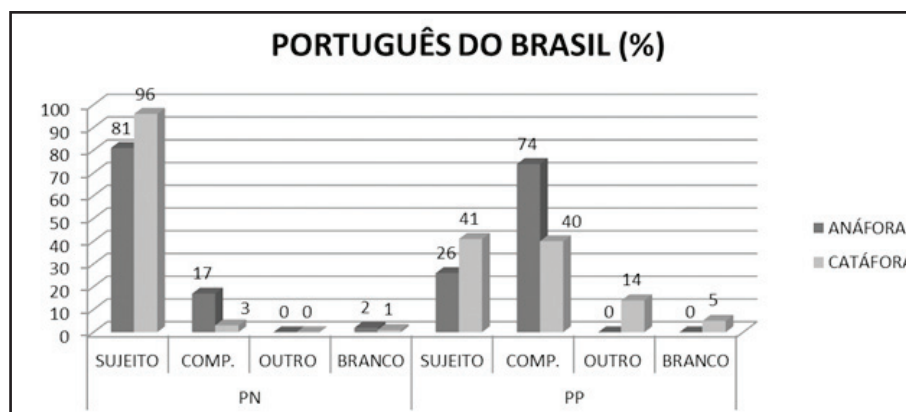


Gráfico 2

Como pode ser visto no Gráfico 2, no que tange a anáfora, houve uma preponderância de indexar o PN como sujeito e o PP como complemento do verbo. No caso das catáforas, contudo, enquanto o PN foi indexado com o SN em posição de sujeito em 96% das respostas, as respostas referentes à indexação do PP sugere que a ambiguidade não é resolvida pela estrutura sintática linear da sentença.

Os resultados muito próximos de 40% e 41%, além do aparecimento da resposta outro, e o maior número de respostas em branco, parecem indicar que não há uma preferência clara com o PP nas catáforas, ou ainda, um ‘comportamento agnóstico’ do pronome pleno, como aponta Carminati (2002).

Um teste ANOVA mostra que houve um efeito principal significativo no tipo de referente [$F(2,62)=147,4, p<0,001$]. Isto significa que a posição diferente na sentença, sujeito ou complemento, vai influir no correferenciamento, ou seja, há uma preferência do falante do PB de acordo com a posição da sentença, como sugere o PAS, através da estratégia da posição do antecedente.

Da mesma forma, há uma interação significativa entre a posição dos pronomes nulo e pleno e suas correferências, [$F(6,186)=49,9, p<0,001$]. Em outras palavras, as correferências feitas pelos pronomes nulos e plenos deram como resultados respostas diferentes, mostrando que o tipo de pronome e a posição, anáfora ou catáfora, influencia a correferenciamento no tipo de sentenças com ambiguidade tratadas neste trabalho.

A análise dos contrastes pela ANOVA indica que houve mais respostas que indexassem a posição de sujeito do que a de complemento [$F(1,31)=45,96, p<0,001$] quando o pronome é nulo. Há uma clara preferência pelos falantes do PB por indexarem o PN em posição de sujeito, tanto na anáfora quanto

na catáfora. Quanto ao complemento, há uma clara preferência dos falantes do PB pela correferência do PP com a posição de complemento na catáfora, se comparado ao referente extra-linguístico $[F(1,31)=87,7, p<0,001]$.

Os dados mostram que as preferências são diferentes sob as condições impostas neste trabalho, na resolução de anáforas e catáforas.

O exame da interação entre anáforas com PN e PP em contraste com os referentes sujeito e complemento, mostram um efeito alto $[F(1,31)=90,7, p<0,001]$ mostrando que há um número de respostas maior para os referentes sujeitos do que complementos na anáfora.

Na interação das catáforas com PN e PP há um efeito significativo para os referentes sujeito e complemento $[F(1,31)=75,1, p<0,001]$, mostrando que a posição do pronome nulo ou pleno vai influenciar a preferência do falante de PB.

	PN	PP
Anáfora	Retoma Sujeito	Retoma Complemento
Catáfora	Retoma Sujeito	Não há preferência

Figura 8

Com relação às hipóteses levantadas, a hipótese número 1 foi confirmada, uma vez que o PB apresentou na anáfora preferência de interpretar o PN com o sujeito e o PP com o complemento.

A hipótese número 2 foi confirmada em parte, no caso das catáforas, pois o PB apresenta uma clara inclinação de correferenciar o PN com a posição de sujeito. Já com o PP, os dados colhidos para esta pesquisa sugerem não haver preferências, ou seja, a posição do antecedente, no caso do pronome pleno na catáfora não é suficiente para desfazer a ambiguidade: sujeito (41%) e complemento (40%).

Com relação ao poder do PAS, o PB parece funcionar com as demais línguas *pro-drop*, obedecendo a estratégia de processamento do antecedente, tanto na anáfora com PN e PP, quanto na catáfora com PN.

Em consonância com os resultados levantados aqui, o processamento correferencial se dará segundo os índices apresentados abaixo na sentença (13) e (14).

(13) A Telma_i conversava com a Julia_j, enquanto \emptyset_i/ela_j cozinhava.

(14) Quando \emptyset_i/ela_i caminhava pela rua, a Malu_i cumprimentou a Sônia_j.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou fazer uma investigação preliminar da correferência pronominal de 3ª. pessoa no PB, baseado primeiramente nas pesquisas de Duarte (1996), que aponta que o preenchimento da posição de sujeito no PB acontece preponderantemente nos pronomes de 1ª. e 2ª. pessoas. A autora afirma que na 3ª. pessoa houve pouca mudança.

Por outro lado, Carminati (2002) fez um estudo aprofundado da função dos pronomes plenos e nulos no italiano, mostrando que eles têm papéis distintos e complementares no sistema da língua. Encontramos na literatura trabalhos para o catalão e o espanhol no mesmo sentido, assim como para o português temos Corrêa (1998) para o PB, e Costa, Faria e Matos (1998) para o PE.

Os dados acima permitem sugerir que as línguas que têm no seu inventário duas representações para o mesmo pronome pessoal parecem efetivamente atribuir-lhes funções diferentes no uso da língua. Pelo menos é o caso do PB, PE e do italiano para anáfora e catáfora, uma vez que os dados que temos do espanhol e catalão não contemplam a catáfora.

Os dados colhidos parecem corroborar a hipótese de Carminati (2002) que as línguas *pro-drop* apresentam (PAS), uma parte sintática e outra de processamento, como explicita Carminati (2002: p. 202). O PAS parece não ser totalmente sintático, pois a sua restrição leva a uma má interpretação, mas não a uma sentença agramatical.

Este trabalho apresenta algumas limitações, como o fato de ter sido realizado offline. O próximo passo será replicar o estudo com *eye-tracker* e aprofundar-nos nas relações de tempo de reação e a fixação dos olhos nos referentes. Esperamos com a realização do experimento online poder oferecer uma melhor explicação para o caso das catáforas com pronome pleno, por exemplo.

Além disso, o questionário completo entregue aos informantes pode permitir, teoricamente, que eles trocassem alguma resposta anterior devido à exposição às questões. Embora estivéssemos alertas a essa questão, não podemos afirmar com segurança que tal não ocorreu.

PRONOMINAL CO-REFERENCE RESOLUTION IN BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT:

This work investigates the interpretation of intrasentential anaphora in Brazilian Portuguese (BP) by native Brazilian Portuguese speakers. Carminati's (2002) investigates the different roles performed by null and overt pronouns in a pro-drop language. Her findings for Italian support that these two pronouns have distinct roles and are subject to different processing restraints. This research aims at verifying if so is also true for BP, as it is a language which admits both null and overt pronouns as well. Carminati (2002) hypothesized that null and overt pronouns have different antecedent assignments in intrasentential constructions. The data were collected from 31 adult, Brazilian informants living in Fortaleza, CE. The experiment consisted of a Written Production Task with 51 items. Preliminary results have shown that BP supports the Position of Antecedent Strategy (PAS), presenting the same processing bias the Italian language did.

KEY WORDS: anaphora; language processing, coreference.

REFERÊNCIAS

Alonso-Ovale, L., Clifton, C., Frazier, L. e Fernández Solera, S. (2002). Null vs. Overt Pronouns and the Topic-Focus Articulation in Spanish. *Journal of Italian Linguistics*, 14:2, 151-169.

Ariel, M. (1994). Interpreting anaphoric expressions: a cognitive versus a pragmatic approach. *Journal of Linguistics*, 30, 3-42.

Bel, A., Pereira, J. e Salas, N. (2010). Anaphoric devices in written and spoken narrative discourse: Data from Catalan. Em Vernon, Sofia e Alavarado, M. (Ed.), *Developmental aspects of written language* (pp. 236–259). Universidad Autónoma de Querétaro, México.

Bever, T.G., & Townsend, D.J. (1979). Perceptual mechanisms and formal properties of main and subordinate clauses. In W.E. Cooper & E.C.T.Walker (Ed.) *Sentence Processing*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Earlbaum Associates.

Carminati, M.N. (2002). The processing of Italian subject pronouns. Tese de Doutorado. University of Massachusetts Amherst.

Chomsky, N. (1982). *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, MA: MIT Press.

Corrêa, L.M.S. (1998). Acessibilidade e Paralelismo na interpretação do pronome sujeito e o contraste pro/pronome em português. DELTA. Vol. 14, no. 2.

Costa, A. Faria, I., Matos, G. (1998). Ambiguidade referencial na identificação do sujeito em estruturas coordenadas. Actas do XIII Encontro Nacional da APL. P. 173-188.

Madeira, A., Xavier, M. F., Crispim, M.L. (2009). A Aquisição de sujeitos nulos no português como L2 em Estudos da Linguagem. Vol 7. No. 2, p. 163-198.

Duarte. M.E.L. (1995). A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro. Tese de doutorado. IEL/Unicamp.

Duarte, M.E.L. (1996). Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil em Roberts, I. e Kato, M. (Orgs.) *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2ª. edição.

Fávero, L.L. (2006). *Coesão e Coerência Textuais*. São Paulo: Ed. Ática. 11a. edição.

Garnham, A., Oakhill, J.V., & Cain, K. (1998). Selective retention of information about the superficial form of text: Ellipses with antecedents in main and subordinate clauses. *The Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 51A, 19-39.

Grosz, B. J., Joshi, A.K., & Weinstein, S. (1995). Towards a computational theory of discourse interpretation. *Computational Linguistics*, 21, 203-225.

Haag, Cassiano Ricardo, Othero, Gabriel. (2003). O Processamento Anafórico: um experimento sobre as resoluções de ambiguidades em anáforas pronominais. *Linguagem em (Dis)curso*. V.4, n. 1, pp. 65-80.

Kazanina, Nina, Lau, Ellen F. Lieberman, Moti, Yoshida, Masaya e Phillips, Colin. (2007). The effect of syntactic constraints on the processing of backwards anaphora. *Journal of Memory Language*, 56, pp. 384-409.

Moura, Heronides Maurílio de Melo. (2000). Significação e Contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática. 2ª. Edição. Florianópolis, SC, Ed. Insular.

Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris Editora.

Roberts, I., Holmberg, A. (2010). Introduction: Parameters in Minimalist Theory in Biberauer, T., Holmberg, A., Robert, I. (Ed.) *Parametric Variation*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sorace, Antonella e FILIACE, Francesca. (2006). Anaphora Resolution in near native speakers of Italian. *Second Language Research*. 22,3, pp. 339-268.